

economia

Painel reuniu visões sobre crise e reconfiguração global

Discussão transitou entre história, geopolítica e experiências pessoais

/ FÓRUM DA LIBERDADE

Gabriel Margonar
gabrielm@jcrs.com.br

O mundo perdeu o jeito ou está apenas mudando de forma? A pergunta que deu nome ao painel da tarde de sexta-feira, no segundo e último dia do Fórum da Liberdade, serviu como ponto de partida para uma discussão que transitou entre história, geopolítica e experiências pessoais. No palco, o historiador Adam Howard, o filósofo Denis Lerrer Rosenfield e o ativista venezuelano Pedro Urruchurtu apresentaram leituras distintas, mas complementares, sobre um cenário internacional marcado por incertezas e disputas.

Para Howard, diretor da Churchill Society Internacional, a sensação de desordem global esconde um fenômeno mais profundo. “Não estamos apenas testemunhando desordem - estamos vivendo uma transformação estrutural”, afirmou. Segundo ele, o sistema internacional passa de um modelo dominado por uma tradi-

ção ocidental para um ambiente mais plural, em que diferentes visões de poder, economia e liberdade coexistem e competem.

Na leitura do historiador, esse novo arranjo rompe com a ideia, predominante no pós-Guerra Fria, de convergência entre os países. Em seu lugar, emerge um mundo “multimodal”, no qual potências como a China não apenas ganham espaço, mas também propõem caminhos alternativos de organização política e econômica. “Não estamos vendo o triunfo de um modelo sobre outro, mas a coexistência de modelos concorrentes de sucesso”, disse.

Essa mudança, acrescentou, traz complexidade e tensão. Conflitos recentes e disputas regionais não são episódios isolados, mas sintomas de um sistema em transição, com regras sendo testadas e instituições pressionadas. Ainda assim, Howard evitou uma visão pessimista: para ele, trata-se menos de desintegração e mais de reconfiguração - um processo em que o poder se torna mais difuso e a governança global mais flexível.

A defesa da liberdade, nesse contexto, também se torna mais fragmentada. “Hoje, esse quadro é mais complexo”, argumentou, ao lembrar que, no século XX, as democracias ocidentais eram vistas como principais guardiãs desse valor. Agora, segundo ele, a liberdade depende de um “ecossistema” que envolve instituições, cultura política e responsabilidade individual, elementos que enfrentam pressões internas, como polarização e erosão da confiança.

Se Howard vê transformação, Denis Rosenfield rejeita a ideia de que o mundo tenha perdido um eixo - porque, segundo ele, esse “eixo” nunca existiu. “A história nunca teve eixo”, ressaltou, ao argumentar que a percepção de ordem no pós-Segunda Guerra foi, na prática, uma construção baseada nos interesses das potências vencedoras.

O filósofo sustentou que a guerra sempre foi parte constitutiva da história, ainda que, por um período, tenha sido menos visível na Europa. O momento atual, nesse sentido, representaria não uma



Howard, Rosenfield e Urruchurtu comentaram sobre cenário de incertezas

ruptura inédita, mas o esgotamento de um arranjo geopolítico específico. “Estamos vivendo a derrocada desse sistema de interesses”, afirmou. Rosenfield também chamou atenção para os limites do direito internacional, que, segundo ele, depende do consenso entre Estados e perde eficácia quando esse acordo se rompe. Em sua análise, o cenário atual exige novas categorias de pensamento, especialmente diante de conflitos mais complexos e tecnológicos.

Já Pedro Urruchurtu trouxe ao debate a dimensão concreta da perda de liberdade. Ao lembrar os mais de 400 dias em que permaneceu refugiado na embaixada argentina em Caracas, cercado por forças de segurança do regime venezuelano, o ativista afirmou que o “desvio de rumo” não é abstrato.

“Eu não aprendi isso nos livros. Eu vivi isso”, lembrou.

Para ele, a experiência venezuelana ilustra como a deterioração institucional ocorre de forma gradual, quando abusos passam a ser normalizados. “O rumo se perde quando deixamos de defendê-lo”, disse, destacando que a liberdade não desaparece de forma abrupta, mas ao longo de decisões e omissões. Apesar do diagnóstico duro, Urruchurtu defendeu que o caminho não está perdido. “Ele pode estar confuso, disputado, sob pressão - mas não perdido”, ressaltou, ao enfatizar o papel das pessoas na defesa de valores democráticos. Segundo ele, a possibilidade de mudança na Venezuela existe, mas depende de pressão interna e internacional, além da mobilização da sociedade.

Alcione Albanesi destacou a superação e o empreendedorismo do brasileiro

Cláudio Isaías
isaiasc@jcrs.com.br

A criação de um modelo de desenvolvimento social sustentável que transformou a vida de milhares de pessoas em situação de vulnerabilidade social através da educação, da geração de renda e de diversos projetos sociais foi apresentada pela empresária Alcione Albanesi, fundadora da ONG Amigos do Bem, durante o Fórum da Liberdade. “Criamos um modelo com unidades produtivas no

Sertão para levar trabalho e oportunidade para centenas de pessoas carentes”, ressaltou. Alcione disse que além de gerar renda para as famílias atendidas, o projeto resultou no desenvolvimento do potencial de cada região de acordo com as matérias-primas locais.

A empresária destacou o espírito empreendedor e a capacidade de superação do brasileiro diante de um cenário burocrático e desigual. “Temos que ter a coragem transformadora de gerar impacto econômico e humanitário e de fa-

zer a mudança do país. A solidariedade e a iniciativa privada são as ferramentas fundamentais para reduzir abismos sociais”, comentou.

A presidente da Blue Tree Hotels, Chieko Aoki, fez um relato sobre o potencial transformador do empreendedorismo no Brasil e no mundo. “Os negócios podem gerar riqueza, valor social e desenvolvimento regional”. A empresária destacou o sucesso de um hotel em Portugal, construído com tecnologia e alma brasileira, que valorizou exponencialmente após sua

venda. “Quero exaltar as qualidades únicas do povo brasileiro, como a empatia, a flexibilidade e a hospitalidade. São qualidades que somente o povo brasileiro possui”, acrescentou. Ao público, Chieko disse que o seu propósito é encorajar os empreendedores a acreditarem no potencial do País, ao transformar negócios em ferramentas de mudança de vida e evolução das pessoas.

O proprietário da Mormaii, Marco Aurélio Raymundo, o Morongo, realizou uma fala marcada

por ideias sobre espiritualidade, liberdade e gestão. “Sem liberdade não existe criatividade, e sem criatividade não há evolução. Isso vale para o universo, para empresas, para empreendedores e para cada um de nós”, afirmou. Ao público, Morongo disse que é necessário que cada empresário pense sobre o papel da sua empresa. “Empresas são feitas de pessoas. A evolução acontece quando estamos cercados de gente boa, com liberdade para criar e consciência para transformar”, acrescentou.

Autonomia econômica e democracia no Brasil foram temas do fechamento do Fórum

Francisco Conte
franciscoc@jcrs.com.br

A terceira palestra do Fórum da Liberdade na sexta-feira teve à frente o economista e fundador da Empiricus, Felipe Miranda, o jornalista e escritor Leandro Narloch, e a ativista indígena e produtora de conteúdo Ysani Kalapalo. O debate teve como fio condutor as causas

do atraso brasileiro, em que os painelistas destacaram a necessidade de superar a influência de grupos de interesse e o paternalismo estatal para garantir autonomia econômica, progresso e o resgate dos valores da democracia liberal para toda a população, inclusive para as comunidades indígenas.

Felipe Miranda falou sobre a dificuldade brasileira de fazer a lei

valer para todos igualmente, e destacou a importância da isonomia tributária, ao contar sobre uma isenção fiscal que ele abdicou por entender que aquele tributo era importante para a sociedade: “A preservação da democracia liberal exige que cada cidadão aceite renunciar a privilégios individuais em prol do ajuste fiscal e do bem comum”, disse.

O jornalista Leandro Narloch afirmou que o Brasil tem um “povo criativo”, mas que tem dois problemas estruturais importantes. Segundo ele, o País se liberalizou antes de se democratizar e, além disso, o Brasil é “dominado por uma ditadura de minorias que regem seus interesses sobre a maioria”.

A ativista indígena Ysani cons-

truiu seu discurso com a afirmação de que existem indígenas que querem o progresso, mas que são impedidos pelo governo. “O povo indígena não aguenta mais ser usado como massa de manobra e viver na miséria em terras ricas, sem a liberdade para empreender ou produzir em grande escala para alcançar o progresso tecnológico e a autonomia econômica”, afirmou.